

“Abre a Câmera, por Favor!”: Aulas Remotas no Ensino Superior, uma Abordagem Fenomenológica

“Open the Camera, Please”: Remote Classes in Higher Education, a Phenomenological Approach

ISSN 2177-8110
DOI: 10.18264/eadf.v11i2.1269

Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro *

Márcia T. Cavalcanti¹

Aparecido Pimentel Ferreira²

¹Universidade Santa Úrsula, Rua Fernando Ferrari, 75, Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

²Centro Universitário ICESP, Avenida Pau Brasil Lote 20, Águas Claras, Brasília, DF, Brasil.

*c.henriqueribeiro@gmail.com

Resumo

Uma das características do espírito do tempo que estamos vivendo, desde que o isolamento social foi utilizado para conter o avanço da COVID-19, é a necessidade imediata de adaptação dos docentes e discentes aos recursos disponíveis para a educação, tais como computadores e redes de internet, por exemplo, transpondo-os de imediato para o ensino remoto. O objetivo dessa pesquisa é investigar o processo de adaptação dos docentes de ensino superior das aulas presenciais para aulas remotas durante o primeiro semestre letivo de 2020. A pergunta de pesquisa que nos orientou é: como os docentes se adaptaram às aulas remotas? O método de pesquisa é de abordagem fenomenológica. Para conseguir essa resposta, entrevistamos 5 docentes do ensino superior. O material foi transcrito e analisado, emergindo três categorias a partir das falas, que foram confrontadas à luz da literatura. Essas categorias foram nomeadas de: a) “abre a câmera, por favor”; b) conforto dentro de casa?” e c) autossuperação.

Como conclusão, apontamos os avanços que esse momento disruptivo trouxe ao ensino, bem como a necessidade de apoio institucional aos docentes.

Palavras-chave: Covid-19. Ensino remoto. Docentes do ensino superior.



Recebido 09/11/2020
Aceito 10/03/2021
Publicado 11/03/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: RIBEIRO, C. H. V.; CAVALCANTI, M. T.; FERREIRA, A. P. “Abre a Câmera, por Favor!”: Aulas Remotas no Ensino Superior, uma Abordagem Fenomenológica. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, e1269, 2021. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i2.1269>

"Open the Camera, Please": Remote Classes in Higher Education, a Phenomenological Approach

Abstract

One of the characteristics of the spirit of the era that we are living in 2020 is the immediate need to adapt to the technological resources available for Distance Learning (Distance Learning), transposing it, to some extent, to remote teaching. The objective of this research is to investigate the adaptation process of higher education teachers from face-to-face classes to remote classes during the first semester of 2020. The research question that guided us is: how did teachers adapt to remote classes? The research method is phenomenological approach. To get this answer we interviewed 5 teachers of higher education. The material was transcribed and analyzed, emerging three categories from the statements, which were confronted in the light of the literature. As a conclusion we point out the advances that this disruptive moment has brought to teaching, as well as the need for institutional support to teachers.

Keywords: COVID-19. Remote teaching. Professors.

1. Introdução

Uma das características do espírito do tempo que estamos vivendo, desde que o isolamento social foi utilizado para conter o avanço do COVID-19, é a necessidade imediata de adaptação dos docentes e discentes aos recursos disponíveis para a educação, tais como computadores e redes de internet, por exemplo, transpondo-os de imediato para o ensino remoto. Registrar essa condição no espaço educacional é um privilégio. Assim, docentes e discentes do ensino superior foram chamados à tarefa de, dentro de seus lares, exercerem o processo de ensino-aprendizagem. Esse fenômeno se deu, sobretudo, nas esferas privadas, onde a pressão pela manutenção dos empregos e pagamentos das mensalidades se deu pela garantia quase que imediata das aulas em formato remoto, mesmo que o aluno tenha contratado o serviço de aula presencial. Processo esse que tem sido largamente estudado com forte potencial de acesso e democratização no Ensino a Distância (EaD) tal como apontado em Oliveira e Santos (2020) e que precisa ser investigado em tempos de isolamento social no contexto do que iremos chamar de "presencial remoto", ou seja, quando o docente se vê diante do desafio de transpor suas aulas e práticas das salas de aula físicas para as salas de aula via videochamadas, espaços estes que, originalmente foram pensados para a realização de reuniões e que, durante a pandemia, também foi se adaptando às necessidades da educação.

A primeira parte do título de nossa pesquisa foi retirado da fala de um de nossos entrevistados. Assim "abre a câmera, por favor!" é uma frase pequena, mas que revela as inquietações de uma docente que durante a realização de uma aula precisa tentar manter algum contato com quem a assiste, em um ambiente que por vezes apresenta telas e microfones fechados.

Com tanta adaptação sendo realizada – afinal, foram poucas semanas entre o início do primeiro semestre letivo e a oferta de ensino remoto, conforme a Portaria número 343 que foi publicada em 17 de março de 2020, dando respaldo legal para a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais –, ela obviamente não vem se dando sem percalços, situações inusitadas e conflitos, tal como verificado no estudo de Soares & Silva (2020). Estudá-las é uma boa oportunidade de verificar como os desdobramentos das iniciativas se tornaram soluções, e quais foram os caminhos percorridos para que o direito ao acesso à educação neste nível de ensino fosse garantido.

Barbosa et al. (2020) ressaltam as competências dos docentes no ambiente de EaD compreendendo que se faz necessário o domínio, em um primeiro momento, do ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Os docentes dispõem de um número diversificado de plataformas que os auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, com a característica de oferecerem recursos que enfatizam a colaboração no ambiente de aprendizagem. No contexto do presencial remoto, as plataformas são diferentes das utilizadas em EaD, na qual o Moodle é a mais conhecida e uma das mais antigas do mercado. O Google Classroom, um recurso do Google Apps, é um aplicativo de gerenciamento de conteúdo para educação que ganhou popularidade durante a pandemia, sendo utilizado em muitas instituições de ensino superior (IES).

O domínio do ambiente virtual utilizado pelas IES demanda do docente competência eletrônica para refletir, se adaptar e possibilitar que os discentes tenham aulas que não sejam apenas uma adequação superficial das aulas presenciais. Exigir de docentes que adaptem seus planos de aula, suas formas de ensinar, criando novas estratégias para a apresentação dos conteúdos de suas disciplinas ao formato de ensino remoto é algo que os relatos de experiência realizados durante a pandemia podem contribuir, principalmente analisando como se deram as estratégias dessa adaptação.

Pesquisa realizada pela Educa Insight e Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES)¹, apresentada no dia 2 de abril (1ª onda), sobre os impactos da pandemia para os seus estudantes, demonstra que 47% têm no horizonte a possibilidade de desistir dos estudos. O fator mais relevante apontado naquele momento pela pesquisa foi a questão financeira. Além disso, conforme apresentam os dados, é possível verificar que apesar de 67% dos entrevistados avaliarem positiva a experiência com a EaD, 73% manteriam a decisão de continuar na modalidade presencial. Do ponto de vista das ciências humanas surge um abundante campo de pesquisa: a partir da perspectiva do usuário, temos, de um lado, docentes que precisam se adaptar e, do outro, estudantes que, em sua maioria, gostariam de poder continuar com a modalidade presencial; pela perspectiva da metodologia de ensino, abordar a lacuna teórica sobre como se deram as experiências do ensino remoto síncrono durante esse período. Como mais um argumento, consideramos que essas mudanças se aproximam daqueles que são utilizados sobre a implantação da telemedicina, em que não é mais razoável se perguntar se, mas de que forma essa modalidade está sendo implementada no País.

O objetivo desta pesquisa foi investigar o processo de adaptação dos docentes de ensino superior à migração das aulas presenciais para as aulas presenciais remotas durante o primeiro semestre letivo de 2020.

Queremos contribuir com investigações que analisem o saber docente, e as novas competências que esses precisam desenvolver – e rápido –, para se adaptarem ao ensino remoto. Em fazendo isso, registramos as experiências que os docentes passaram, oferecendo relatos de experiência que contribuam para os estudos que facilitem este processo de adaptação, não deixando, é claro, de ser uma homenagem a todos e todas que, mesmo não sabendo como, realizam a tarefa de ensinar, mesmo que seu conhecimento sobre o ambiente virtual seja apenas inicial, que a posse de aparelhos tecnológicos seja obsoleta e que, superada a barreira de gerações, o ensino de qualidade ainda assim esteja garantido.

As competências de se ensinar tendo um grupo de estudantes em uma sala de aula no ensino tradicional, por exemplo, são diferentes daquelas em que o docente tem apenas o seu computador no ambiente, e precisa se dirigir a ele. Sobre essas diferenças, Batista (2020) ressalta que o processo de ensino e aprendizagem é controlado pela presença física do professor na modalidade presencial, enquanto na modalidade Ead são os estudantes que controlam o processo, através de sua dedicação temporal. Mas, durante o período de distanciamento social, as aulas foram necessariamente remotas de maneira síncrona, o que forçou os docentes a encontrarem novas formas de realizar o processo de ensino e aprendizagem como na modalidade tradicional, em um curto período de tempo (ALVES, 2020; SOARES& SILVA, 2020).

1 <https://abmes.org.br/abmes-pesquisas/detalhe/36/covid-19-e-educacao-superior-o-que-pensam-os-alunos-e-como-sua-ies-deve-se-preparar>

Para uma definição de ensino remoto, nos baseamos no conceito de Vieira et al (2020): "O ensino remoto consiste na adaptação ao uso de recursos tecnológicos e ferramentas de tecnologia de informação, no entanto, sem alterar a metodologia das atividades presenciais, mantendo o projeto pedagógico do ensino presencial." (VIEIRA et al, 2020).

Nosso objeto de pesquisa é a experiência docente sobre suas adaptações para o ensino remoto durante os primeiros meses de 2020. Nos detemos em seus saberes, nas suas percepções, em suas emoções expressas nas falas, no diálogo socialmente construído, tal como outros estudos que tem como foco esse profissional e sua trajetória nesse ambiente de ensino (PEREIRA et al, 2020).

2. Encaminhamentos metodológicos

Utiliza-se a abordagem fenomenológica nesta pesquisa qualitativa. Nossa intenção é relatar as experiências desse período de pandemia, do ponto de vista docente, com a pergunta que direciona nossa pesquisa, a saber, "Como os docentes se adaptaram às aulas remotas?".

Assim, nossa amostragem é intencional, focada em docentes do ensino superior, sobretudo nos mais experientes que, ao longo de décadas, construíram uma marca, um estilo, um método de ensinar que está impregnado na aula presencial, mas que, instados a se adaptarem, migraram para as aulas remotas em apenas poucas semanas entre os meses de março e abril de 2020. A necessidade de atenderem aos alunos matriculados nas disciplinas que, em um primeiro momento, estavam programadas para acontecerem de forma presencial e precisaram migrar para o ensino remoto, se constitui o eixo de investigação.

Reforçando o método, ao optarmos pela fenomenologia, assumimos uma postura crítica, temporal, provisória, sobre os relatos que nos chegam. A construção do objeto de pesquisa se faz na interação entre pesquisador e pesquisado, e os temas que os unem, também os distanciam: experiências compartilhadas socialmente, mas que de forma única são assimilados, retratados e compreendidos individualmente (BICUDO, 2011; MERLEAU-PONTY, 2011).

É no exercício da memória e na escolha do vocabulário que os sujeitos que agora têm apenas uma tela de computador para olhar se arrumam, organizam e compartilham seus conhecimentos com quem do outro lado divide o endereço da conexão. Mas a memória é seletiva. Ter a oportunidade de registrar essa experiência logo após a implementação do ensino remoto durante o ano de 2020 é uma oportunidade. Assim, a abordagem fenomenológica na educação tem destacado os rigores do método científico a partir das análises com o que é compartilhado socialmente, nas relações, na ciência do vivido (CAPALBO, 1990)

Batista et al (2020) elegem a Fenomenologia como método de pesquisa para os seus estudos do ensino da matemática na EaD, ressaltando a necessidade de o pesquisador interagir com o objeto de pesquisa sem a pretensão da imparcialidade, ou mesmo o datado discurso da neutralidade científica. Apesar disso, é necessário manter os rigores acadêmicos para uma análise mais aprofundada do fenômeno. Assim, a Fenomenologia é o método adequado neste estudo porque permite a discussão sobre as inquietações dos pesquisadores, e levá-la ao encontro dos docentes que, com suas percepções, modos de agir e ensinar, trazem consigo conhecimentos ricos e contingentes, e que precisam ser interpretados, analisados e aprofundados à luz do referencial teórico de uma perspectiva filosófica (BATISTA et al, 2020, p. 3).

Bicudo (2011) considera a necessidade de estudos sobre a Fenomenologia no âmbito das pesquisas qualitativas argumentando que investigações dessa natureza são fundamentais para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, e da complexa relação que se estabelece entre docentes e discentes. Nosso propósito não é encontrar a verdade, e sim, ligados à observação e ao vocabulário empregado pelos entrevistados, problematizar o objeto de pesquisa como fenômeno, que apresenta diferentes olhares sobre a verdade, assim como a apreensão do termo realizado por Heidegger (1989).

Garnica (1997), nas análises sobre a tematização sobre o objeto de estudo da Fenomenologia, considera que

Situados num determinado contexto, cercados pelas coisas do mundo, entre as tantas com as quais nos defrontamos, optamos por investigar um tema, buscando compreender o fenômeno ao colocá-lo em suspensão. Com o fenômeno em suspensão, e tendo tematizado o que dele se procura compreender e interpretar, o objetivo do passo seguinte dessa pesquisa é buscar sua essência ou estrutura, que se manifesta nas descrições ou discursos de sujeito. (GARNICA,1997)

Assim, nossa pesquisa está pautada na fala de nossos entrevistados, que, em conjunto, formam uma comunidade discursiva (BRAZ; SILVA, 2019), porque partilham de experiências semelhantes neste ano de 2020. Nossa amostra, escolhida de forma intencional, é composta de professores universitários de uma IES localizada na cidade do Rio de Janeiro. Nós nos detivemos a cinco docentes que responderam a um roteiro prévio de entrevista. As perguntas versavam como foi o período de adaptação docente, tais como: a) Como foi ministrar aulas remotas na Graduação durante o primeiro semestre letivo de 2020?; b) Pode nos contar quais foram as facilidades/dificuldades que você encontrou durante esse período?; c) Você teve ajuda para superar alguma possível dificuldade durante as aulas?; d) Como foi a relação com os alunos durante esse período?; e) você implementou alguma ação diferente?.

Os docentes atuavam no ensino superior há mais de dez anos, e tinham entre 40 a 65 anos. 3 deles eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. Queríamos ouvi-los sobre suas experiências recentes no ensino presencial remoto, e o número de entrevistados foi dado como suficiente quando alcançamos a saturação discursiva de nossos entrevistados (FONTANELLA, 2008). Tal situação ocorreu quando as entrevistas individuais indicavam respostas muito parecidas.

Nosso critério para incluir um docente como potencial entrevistado é que ele fosse professor da Graduação na modalidade presencial dentro da IES escolhida há pelo menos 10 anos. Ainda, que tivesse pouca experiência no ensino de EaD – no máximo até dois anos nessa modalidade quer seja na Graduação ou Pós-Graduação. O docente também precisaria estar atuando nos dois primeiros períodos na Graduação na modalidade presencial. É durante esses períodos iniciais que os alunos em sua maioria ainda estão em processo de adaptação. Os professores normalmente alocados nessas turmas são os que são considerados mais adaptados para criar um ambiente acolhedor e motivador. Suscetíveis, com isso, de influenciar na diminuição da evasão.

A primeira entrevistada, ora denominada aqui como P1, é docente do ensino superior na área de saúde há mais de 20 anos. Atua na modalidade EaD para a Pós-Graduação Lato Sensu desde 2018.

A segunda entrevistada (P2) está no ensino superior há cerca de 12 anos e atua na área de ciências humanas desde o ano de 2008, modalidade presencial. Tem experiência nas aulas na Pós-Graduação Lato Sensu na forma de Eadem 2019.

O terceiro entrevistado (P3) tem mais de 20 anos de experiência no ensino superior, ministrando aulas nas áreas de ciências humanas e da saúde, ou seja, é um docente que atende aos primeiros períodos de ensino para diversos cursos da IES. Tem experiência em aulas EaD na Pós-Graduação desde 2018.

O quarto entrevistado (P4) é professor no ensino superior desde 2004, e já trabalhou em mais de cinco instituições de ensino. É professor dos períodos iniciais da Graduação. Sua área de atuação são as ciências exatas. Trabalha na Pós-Graduação na modalidade EaD desde 2018.

A quinta entrevistada (P5) é professora do ensino superior desde 2009, e trabalha na área de ciências sociais aplicadas. Também tem vínculo com os primeiros períodos, onde os universitários ingressantes têm mais disciplinas compartilhadas com outros cursos. Tem experiência com a modalidade na Pós-Graduação, iniciada em 2019.

Quadro 1: Perfil dos Entrevistados

Professor		Área de atuação			Ministra aulas em qual (is) curso (s)
Ident.	Gênero	Graduação			
		EP ^a	EaD ^b	Anos ^c	
P1	Fem	> 20	2	iniciais	Saúde
P2	Fem	12	1	iniciais	Humanas
P3	Masc	20	2	iniciais	Humanas e Saúde
P4	Masc	16	2	iniciais	Ciências Exatas
P5	Fem	11	1	iniciais	Ciências Sociais Aplicadas

^a EP - Ensino presencial

^b Educação à Distância

^c Anos do curso (iniciais - 1ª metade / finais - 2ª metade)

Fonte: quadro elaborado pelos autores

3. Análise dos resultados

Ao longo das entrevistas os docentes foram deixando suas percepções, ideias e sentimentos sobre as situações que estavam vivendo durante a experiência de ministrarem aula no ensino remoto. Assim, ao analisarmos esse material, emergiram características comuns que iam se repetindo e poderiam ser postas à luz do referencial teórico. Elas foram nomeadas de: a) "abre a câmera, por favor"; b) conforto dentro de casa?" e c) autossuperação.

3.1 Abre a câmera, por favor !

Nesta categoria de análise, trazemos a questão do ambiente virtual de ensino estabelecido nesse período de distanciamento social. Microfones e câmeras ligadas ou não, conforme estabelecidos na relação entre professores e estudantes, sobretudo se o discente está realizando uma tarefa individual que necessite avaliação, ou de forma contrária uma indesejável solicitação de que se abra a câmera, e com isso, possa ser interpretado como uma invasão de privacidade não apenas do estudante, mas de sua residência e demais moradores.

Verifica-se quem, de fato, "entrou" na aula. Ou seja, as etiquetas de comportamento, as formas de apresentação ao mundo exterior tendo como parâmetro a residência são experiências novas, contingenciais e que precisam estar registradas, para melhor compreensão e melhoria dessa forma de ensino.

A dinâmica de solicitar abrir a câmera para que se possam visualizar os discentes, por exemplo, faz parte de uma contingência do ensino remoto. Situação em que as aulas seguem um encontro previamente marcado, com horário para início e término e onde a conversa entre docentes e discentes ajuda a refletir sobre o conteúdo trabalhado. Nessas situações, câmera e áudio fechados podem significar que os alunos estão prestando atenção no professor, mas também que estão realizando outras tarefas e querem se manter conectados, sem expor suas intimidades. Inferimos que essa situação possa ter levado a empresas de tecnologia, tais como o Google, a criar soluções para amenizar esse possível desconforto.

Desde o início do mês de novembro de 2020, por exemplo, o Google Classroom disponibilizou ao usuário a capacidade de incluir um desenho no fundo da tela. Tal inovação trouxe mais uma interação – aqui especificamente lúdica –, e uma motivação para os usuários abrirem as câmeras, caso desejem, mostrando os desenhos escolhidos. Os desenhos são normalmente de temática de lazer, tais como praias e montanhas.

A entrevistada denominada aqui de P2 é enfática na questão das aulas remotas quando nos fala que

"Eu tô dando aula direto, e é muito diferente... pra você ver... eu, outro dia, logo na minha primeira aula da manhã, que é as 7:30h, pedi pra todo mundo abrir a câmera, abre a câmera, por favor. Pedi mesmo! Não dá, assim... e aí o que eu vi, eu vi aluno deitado, assistindo assim a aula..." (P2).

Além dela, P3, quando perguntado sobre o processo de ensino-aprendizagem, nos oferece uma resposta semelhante com relação às estratégias que utiliza para garantir que os discentes estejam presentes. O entrevistado nos relata que

"Não dá pra saber a expressão do aluno, não dá pra saber se ele tá na aula, se ele tá na sala, se ele tá na cozinha, aí, como forma de saber se eles estão apreendendo, eu peço a eles pra me entregarem na aula seguinte, é forma que eu encontrei, eu peço a eles que me entreguem um relatório sobre o que foi discutido na aula anterior... porque já que eles não botam a cara, não dá pra saber se eles estão aprendendo..." (P3).

Anos de treinamento docente nas aulas presenciais e o que se percebe é que essa nova forma de relacionamento, o ensino presencial remoto, gera insegurança, sobretudo na questão de se os discentes estão prestando atenção à aula e que os conteúdos estejam sendo suficientemente compreendidos, do ponto de vista da fala de P3. Aqui é necessário discutir se realmente existem garantias de que um docente possa ter em uma sala de aula presencial se os estudantes estão prestando atenção à aula e que os conteúdos estejam suficientemente compreendidos ou se apenas se mantêm em silêncio, ouvindo-o.

Para P4, considera necessário dialogar e discutir, sobretudo porque acredita que a experiência do ensino remoto deve perdurar. Segundo P4,

"Pensar na possibilidade de termos momentos de troca de experiências entre nós professores sobre o ensino a distância que estamos vivendo, até porque me parece que o próximo semestre também será online. É **necessário pensarmos a formação online, avaliações, provas, câmeras e áudios fechados dos alunos...** ou seja... pensar o processo de formação que estamos proporcionando. Sinto falta de um espaço assim, pode ser até informal... desde o início da pandemia para cá, já são três meses... pode ser uma inquietação minha, desculpe, mas precisava compartilhar... (P4, grifo nosso).

Os três entrevistados trazem a questão dos incômodos que estão mais próximos do ensino presencial do que da EaD. Assim, mesmo em aulas remotas há mais de três meses, os docentes sentem-se preocupados com as questões de aprendizagem associadas ao modelo de aula que estavam atrelados antes da pandemia. Nossa investigação se assemelha com os estudos de Batista et al. (2020), que, ao suscitar questões envolvendo a prática docente no ambiente virtual, precisa ter como contraponto o ensino presencial. Segundo os autores:

"Conhecedores da dinâmica de um curso em EaD, explicitam que as particularidades que os definem são evidenciadas pelos modos como professores e alunos se mostram no curso, ensinando e aprendendo, visto que para ambos são as características do curso e as práticas avaliativas que têm dado o tom, marcando a identidade de algo em comparação com o que ocorre nos cursos presenciais, quando comparamos a uma meta numérica a ser atingida para aprovar ou não em uma disciplina. Desse modo, ao ser colocada em evidência essa categoria não havia a intenção de retratar as individualidades das duas modalidades, muito menos compará-las" (BATISTA, op. cit).

Os três professores entrevistados têm como referência uma realidade de ensino que está pautada no ensino presencial. Suas falas remetem a um passado não muito distante, as que provavelmente o período de isolamento social fará com que venham para ficar nesse ambiente virtual de aprendizagem. Reforçando as falas anteriores, para o docente P5,

"Nas minhas aulas eu acho que teve uma perda do diálogo, das ideias que a gente tinha durante as conversas, da interação... aí a gente falava de um assunto, e esse assunto às vezes ia para outro tema, e isso eu podia cobrar isso na avaliação... agora não... agora eu tenho que cobrar a avaliação de forma objetiva, eu dou um texto, eu faço a avaliação em cima das respostas que estão no texto..." (P5, grifo nosso)

São esses desajustes expressos na fala de nossos entrevistados que precisam ser discutidos, pois eles são as soluções que os sujeitos encontram no seu exercício docente cotidiano e contribuem para a objetivação do fenômeno, na compreensão das relações que se estabelecem entre os sujeitos e, em última instância, são um registro para a melhoria das aulas remotas.

Assim, entre o que se fala em aula e o que se pede durante as avaliações temos as ementas das disciplinas, com seus objetivos e referências. Manter um distanciamento menos apaixonado sobre o que se discute em aula – mas ao menos tempo não descartá-lo –, pode ser uma das estratégias para ter como eixo o conteúdo da disciplina que está inserida dentro de um Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e menos dependente da figura central do docente.

3.2 Conforto dentro de casa?

O compromisso de estarem no dia e horário de aula em um endereço eletrônico previamente combinado trouxe perdas e ganhos segundo nossos entrevistados. O tempo de deslocamento da residência à IES, por exemplo, são considerados fatores positivos neste momento. Porém, os professores têm a percepção que essa forma de ensino os levou a trabalhar mais, e que os intervalos de descanso diminuiram. Segundo P1

"A gente tá trabalhando muito mais... **O intervalo foi roubado da gente**, porque agora a gente precisa trazer sempre um desafio para os alunos, **e a gente precisa desse feedback do aluno... é desafiador porque minhas aulas eram presenciais e agora eu não sei se o aluno tá me escutando**, se ele tá na cozinha, no banheiro, mas depois, quando eu passo uma avaliação, um trabalho que eu passei, eles vem me perguntar no zap, eles tem meu celular né... e mandam a tarefa por ali mesmo, ou perguntam se podem mandar depois... tem aluno que me manda mensagem às duas da manhã!" (P1, grifo nosso)

Sobre essas questões, é necessário compreender a nota técnica emitida pelo Ministério Público do Trabalho na defesa da saúde e demais direitos fundamentais dos docentes quanto ao trabalho por meio de plataformas virtuais e/ou em *home office* durante o período de distanciamento social, em que as vinte e seis ações de garantias trabalhistas tentam balizar este momento². A questão do *home office* é um desafio para todos os trabalhadores que migraram dos ambientes externos de trabalho para dentro de suas casas. Conexão se transformou em trabalho, e os docentes estão sendo solicitados pelos discentes de forma permanente a partir dessa facilitação tecnológica. É um momento de desconforto e adaptação. Há de se desconectar, mas ainda não se sabe como, porque a casa se transformou em ambiente de trabalho.

Outra questão presente sobre P1 é a necessidade do *feedback* do aluno no ambiente virtual. As inseguranças docentes que surgem decorrem sobre se o aluno está prestando atenção. Há uma falsa ideia de que a o ensino presencial tradicional centrado na figura do professor e expresso em sua fala é garantia de aprendizagem, há de se garantir novas formas de aprendizagem e os *feedbacks* são tanto de professor para aluno quanto de aluno para professor.

Outra docente, P5, define esse momento como desafiador, porque

"Precisei comprar um novo computador e melhorar a internet daqui de casa... **precisei mudar minha metodologia de aula**, tive de me reinventar, tudo muito rápido, porque na semana que veio a pandemia eu fiquei sei dar aula, mas logo depois veio a ordem para gente criar as turmas no *Google for education*... e na semana seguinte eu já estava dando aula pelo computador... mudei a forma de fazer provas, mas aí os alunos reclamam que a internet deles não é boa, perguntam se podem assistir a aula depois, se a aula tá gravada... muito mais trabalho, é desafiador... minhas aulas são presenciais..." (P5, grifo nosso)

A questão da mudança de metodologia de aula ressaltada por P5 demonstra as potencialidades que estão surgindo. Os docentes estão tendo que repensar seu fazer docente, saindo em certa medida de suas zonas de conforto que estão assentadas em suas experiências com aulas presenciais, em grande parte do tempo os professores falam e os alunos, em sua maioria, ouvem.

Outra docente questiona a questão da acelerada conectividade. Para P2,

"O que a pandemia trouxe foi a falsa ideia de isolamento... não tem isolamento do ponto de vista da interconectividade, aí, então... **o que eu acho é que tem uma falsa ideia que a gente tá conectado o tempo todo**, ou precisa estar conectado o tempo todo... que a gente tá disponível, nos grupos, nas redes sociais, e a gente não percebe que isso é mais demanda de trabalho, a cada hora chega uma tarefa, e isso não para nunca, você, agora, carrega consigo o seu trabalho..." (P2, grifo nosso)

Alves (2020), ao discutir os problemas enfrentados pelos docentes no ensino remoto durante a pandemia da Covid-19, considera que os tempos disruptivos que os docentes passam significa que

"Na educação remota, predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas, sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas

2 Cf. <https://abmes.org.br/arquivos/documentos/nota-tecnica25062020.pdf>.

disciplinas dos cursos presenciais, como dito anteriormente. Esses professores estão tendo que customizar os materiais para realização das atividades, criando slides, vídeos, entre outros recursos para ajudar os alunos na compreensão e participação das atividades” (op. cit. 2020).

Os docentes de nossa pesquisa se referem a um período muito curto de adaptação. Como escrevemos na introdução desse trabalho, as ações do Ministério da Educação foram tomadas de forma a garantir que o ensino pudesse ser feito de forma remota no dia 17 de março de 2020, ou seja, logo depois do período de Carnaval, que no referente ano aconteceu entre os dias 21 e 25 de fevereiro (entre sexta e terça-feira) e quando o período letivo ganha força nas principais atividades educacionais. Assim, é necessário ressaltar o esforço dessa adaptação, bem como verificar que do ponto de vista das condições de trabalho o movimento gerado leva ao cansaço, frustração – quando não se consegue, ou se tem dúvida das ações –, bem como o isolamento não permitiu uma troca presencial de ideias – tão comum nos corredores e salas de aula.

Tendo como contraponto o discente que também precisa se adaptar a esse momento, Vieira et al (2020) releva a questão do suporte docente como o fator mais importante para a dinâmica positiva no ensino remoto. Apesar do processo de ensino aprendizagem ter se alterado, o docente ainda é o centro do processo, o que faz com que os compromissos em atender a essa demanda não diminua, e ao contrário, como apresentado na fala dos entrevistados, tenham aumentado nesse momento. Some-se a isso o fato de que estamos tratando de um ambiente privado de educação, e a questão da necessidade de atendimento docente aumenta na mesma proporção de sua sobrevivência econômica. Há de se pensar aqui nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para atender esse momento. Elas apontam para as metodologias de aprendizagem ativas como forma predominante de atuação, reforçando a necessidade de mudança. A aquisição de habilidades e competências precisa superar o ensino tradicional, que tem o professor como centro do processo.

Inferimos que a flexibilização docente passa a ser alargada, para atender os discentes que têm dificuldades para a realização das tarefas e avaliações nos prazos solicitados, levando em conta o acesso de qualidade à internet, bem como o uso adequado das ferramentas das plataformas educacionais. As arestas a serem aparadas são muitas, porque a equidade social está longe de ser alcançada e porque o distanciamento social expôs nossas deficiências educacionais (SANTOS, 2020). À medida que as primeiras aulas foram acontecendo, o que em algum momento foi identificado como provisório, foi aos poucos se transformando em uma atividade regular durante ano de 2020. As alterações nas rotinas acadêmicas aconteceram abruptamente e o que servia como modelo mental para as aulas presenciais não se encaixa nas aulas remotas. É preciso que a forma de aprendizagem ativa seja considerada, e o isolamento social seja uma oportunidade para docentes refletirem sobre suas práticas. Os deslocamentos à IES, bem como as conversas de salas de aula, corredores e cantinas foi substituída pelo isolamento, pelo silêncio e conforto – ou não – de dentro de casa. Mas nessa situação abre-se a possibilidade de reuniões online para diversas discussões que estão aparecendo sem a necessidade do deslocamento.

3.3 Autossuperação

Nessa terceira categoria de análise, trazemos a questão da autossuperação pela qual os docentes estão apontando nas entrevistas. Farias e Dias (2010) já questionavam as modificações necessárias que envolviam o ensino presencial e sua brevidade em relação às alterações cotidianas com a chegada e difusão do ensino a distância. Para os autores:

“As práticas educacionais, em sua maioria, estão pautadas nesse discurso do instrucionismo, muitas vezes com a “cara” de moderno, que reforça o paradigma excludente e constitui uma forte resistência ao novo.

A cultura dominante passa então a determinar os processos de continuidade e de mudança. Até onde se pode chegar, quem pode chegar, e como pode chegar". (Op. cit, 2010)

Essa mudança se faz presente quando uma de nossas entrevistadas afirma que

"Eu agora gravo aula... eu aprendi nos vídeos que assisti no Youtube... não foi fácil, mas eu tinha que fazer alguma coisa, eu tinha que tornar minhas aulas mais atrativas... eu tinha que fazer alguma coisa, são 4 tempos de aula por turma, mais ou menos 3 horas... O quê fazer com eles?! **Tinha que trazer coisa nova, tinha que estudar para poder ensinar e mostrar que dá para ensinar o que eu faço...** agora os alunos ficam me pedindo pra deixar a aula gravada, eu não sabia fazer, me entende?! (P1, grifo nosso)

As plataformas digitais dos bancos internacionais de recursos gratuitos em diversas mídias que apresentavam áudio, vídeo, animação/simulação, imagem, hipertexto e softwares educacionais foram, preferencialmente, as plataformas escolhidas para esse momento. O Google for Education (edu.google.com), com o recurso do Google Classroom, foi a plataforma que os docentes dessa pesquisa relataram terem utilizado, através da indicação da IES em que estão trabalhando.

A vontade de acertar, de se melhorar enquanto profissional leva aos docentes a aprender nas plataformas disponíveis, tais como o Youtube. Para P4,

"**Não sei mais o que fazer...** eu invento formas de dar aula diferente, eu gravo aula, eu trago conteúdos novos, e, mesmo assim, a gente fica inseguro, se o aluno está aprendendo, se ele está conseguindo aprender a matéria, e não falo nem na avaliação, falo de aprender o conteúdo da minha disciplina. Nem todo mundo tem computador, a maioria deles me diz que está assistindo a aula pelo celular, então eu vou fazer o quê?! **Vou tentar dar o meu melhor, orientando, sendo mais flexível, tentando ajudar...** o que não pode é a gente perder esses alunos..." (P4, grifo nosso)

Os docentes entrevistados têm anos de atuação em seu ofício. Como escrevemos na seção metodológica, eles possuem mais de dez anos de magistério no ensino superior. Ressaltamos que em relação à fala de nossa entrevistada sobre essa flexibilização junto aos alunos dos prazos de entrega dos trabalhos, Alves e Moreira (2017) já apontavam essa realidade em aulas de Pós-Graduação *Lato Sensu*, em que as tarefas e avaliações vão sendo deixadas para o último momento, considerando também outros fatores que desgastam a relação entre docentes e discentes, tal como a presença nos horários previamente agendados e a participação efetiva nas aulas.

Quando P4 diz que "não sabe mais o que fazer", está pedindo ajuda, e é necessário investir na educação continuada dele e de outros que estão na mesma situação. É possível realizar iniciativas para quebrar o ciclo do saudosismo das aulas presenciais, convidando, por exemplo, pessoas mais experientes da própria IES ou de outras para investir em capacitação. Ainda, é possível criar ambientes online de conversas permanentes em que os docentes se sintam à vontade para trocar experiências.

Para P3

"Eu cheguei até em pensar em desistir, em não ia pegar mais turma no semestre, ia passar para os colegas... mas aí teve um apoio, teve um suporte do pessoal da informática, e não tem jeito, esse foi o caminho que a IES escolheu para continuar garantindo as aulas, todo mundo fez assim... e foi bom, porque agora eu consigo usar essas tecnologias para outros trabalhos meus, eu tenho mais segurança em trabalhar dessa forma agora, muita gente me ajudou, os alunos me ajudaram na forma de falar assim 'faz desse jeito professor!' Então eu ia e fazia... **é uma oportunidade, vai trazer aprendizado...**" (P3, grifo nosso)

A fala de nosso entrevistado remete as soluções que, aos poucos, esse docente vai encontrando com seus colegas de trabalho. A transposição das experiências docentes das aulas presenciais para as aulas remotas não é a solução e os docentes precisam de ajuda. As IES precisam oferecer suporte nesse momento, fazendo com que os professores saibam realizar suas tarefas a partir do domínio das ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem. As respostas vão sendo encontradas aos poucos, e a autossuperação docente está relacionada à sua própria aprendizagem.

5. Conclusões

Nosso objeto de pesquisa se concentra nas potencialidades e as fragilidades das aulas remotas síncronas, a partir da análise sobre a fala dos docentes do ensino superior. Como escrito na chamada da edição especial da Revista EaD em Foco para 2020, "O que parece certo e irreversível neste momento é o aumento e a diversificação do uso das tecnologias de informação e comunicação para fins educacionais". Porém, essa diversificação não se faz sem conflitos, adaptações, acertos e erros.

A partir deste trabalho, é possível concluir a experiência do ensino remoto trouxe aos docentes que atuam no ensino superior desafios e potencialidades. Como desafio, podemos citar a necessidade emergencial dos professores mudarem suas estratégias de ensino. Como potencialidade, temos a oferta, aos alunos, de tarefas diferenciadas, a elaboração de aulas mais dinâmicas, aulas mais centradas nos alunos do que nos professores, entre outras.

Grande parte dos docentes que agora migram para o ambiente virtual de ensino detém uma experiência que foi sendo construída no saber-fazer, através de uma nova forma de lecionar, com conteúdos e métodos que se adaptassem à realidade – que é sempre contingencial e não dispensa as intercorrências do processo. Os profissionais de ensino, em um primeiro momento, não foram capacitados para isso. As instituições de ensino superior precisam agora investir em treinamentos que ajudem os docentes em seus ofícios - melhorar o conhecimento sobre o uso das plataformas digitais com suas potencialidades educativas através de áudio, vídeos e hipertextos, por exemplo. Treiná-los da melhor forma para que se sintam mais confortáveis e seguros, do ponto de vista da atuação profissional. Além, é claro que essas ações se estendam ao corpo discente que, às vezes tem o mesmo desconforto e opta por desistir face também a essas situações de não adaptação ao mundo das aulas remotas.

Estamos em um período de transição entre o que é necessário aprender de forma presencial e o que pode ser transferido para as aulas remotas e EaD. De forma geral, todas as disciplinas foram impactadas pelo distanciamento. Exemplos foram aquelas em que o impedimento de sua realização se deve às condições sanitárias em ambientes fechados tais como o uso de laboratórios. Mas também, nesses casos, é possível investir em laboratórios virtuais.

Outras de cunho mais teóricas, em que a sala de aula é o local onde a interação acontecia, talvez se transformarem em disciplinas possíveis de serem adaptadas ao modelo remoto, ou até mesmo para a EaD. Nesta interação, há de se levantar em conta a necessidade da manutenção do ensino. As inúmeras formas de metodologias ativas de aprendizagem estão disponíveis a todos, e o condutor mais importante é o aluno, e nós, os professores, podemos nos colocar mais na posição de facilitadores e, portanto, orientadores desse processo.

Presencial, remoto, EaD ou presencial remoto, o que se percebe é que as atividades estão acontecendo e a tentativa de oferecer o melhor, mesmo que esse melhor esteja atrelado às intercorrências – tal como a dificuldade na aquisição de bons equipamentos de informática, conexão de qualidade e materiais didáticos adequados. O que vai continuar é o uso desses equipamentos. Computadores, celulares, *tablets* e redes de internet para a medição do ensino são aliados nesse novo momento. Analisar como as experiências desse momento de distanciamento social podem contribuir para melhorar o uso das ferramentas tecnológicas em um futuro cada vez mais próximo é um dos papéis dos pesquisadores. Ter a oportunidade de registrá-lo é um privilégio.

Referências Bibliográficas

- ALVES, L. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas-Educação, v.8, n. 3, p. 348-365, 2020.
- ALVES, L. R. G.; MOREIRA, J. A. (Org.). **Tecnologias e aprendizagens: delineando novos espaços de interação**. Salvador: Editora da UFBA, 2017. v. 1. 253p.
- BARBOSA, M. A. C.; PINTO, C. L. T.; CASSUNDÉ, F. R. de S. A. **A Influência das Condições Institucionais de Universidades Públicas para o Desenvolvimento de Competências Eletrônicas dos Professores no Ensino Superior**. EaD em Foco, v.10, e889, 2020. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1.889>.
- BATISTA, J. de O.; MOCROSKY, L. F.; MONDINI, F. **Modos de Ser na/da Educação a Distância**. EaD em Foco, v. 10, e901, 2020. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1.901>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **CORONAVÍRUS: Monitoramento nas instituições de ensino**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 12 de outubro. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário Oficial União, p. 01, 2017.
- BRAZ, M. I., & SILVA, S. C. da. (2019). **O conceito de comunidade discursiva e as convergências com a Terminologia**. *Tradterm*, 34, 81-105.
- BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 7-28.
- CAPALBO, C. **Fenomenologia e educação**. Fórum da Educação. Rio de Janeiro. 14(3):41-61, jun/ago. 1990.
- CARNEIRO, D. V.; MONTEIRO, P. O. **Representações sociais docentes: EaD e educação presencial**. Revista EaD em Foco, [S.l.], v. 8, n. 1, jun. 2018. ISSN 2177-8310. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v8i1.681>.
- FARIAS, F. R.; DIAS, M. J. **Os desafios entre o ensino presencial e o ensino a distância: uma questão de cultura digital e de formação do educador**. EaD em Foco-Revista Científica em Educação a Distância.v.1, n.1, 2010.

- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cad Saúde Pública 2008; 24:17-27.
- GARNICA, A. V. M. **Some notes on qualitative research and phenomenology**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HOBBSAWM, E. **Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- OLIVEIRA, F. A.; DOS SANTOS, A. M. S. **Construção do Conhecimento na Educação a Distância: Descortinando as Potencialidades da EaD no Brasil**. EaD em Foco, V10, e799. 2020. <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1799>.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. Procuradoria Geral do Trabalho. **NOTA TÉCNICA – GT COVID 19 - 11/2020**. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/documentos/nota-tecnica25062020.pdf>. Acesso em: 11 outubro 2020.
- PEREIRA, A. T.; SASS, S. D.; GALLIAN, D. M. C. **Percepções de Docentes sobre as Tecnologias no Ensino em Saúde**. EaD em Foco, v. 10, n. 2, e1091, 2020.
- SANTOS, B, de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.
- SILVEIRA, S. R. *et al.* **O Papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido à pandemia da COVID-19. 2020**. Série Educar-Volume 40, Prática Docente, p. 35.
- SOARES, R. de A.; SILVA, G.A. **Regulamentos da EaD no Brasil e o Impacto da Portaria Nº 343/2020 no Ensino Superior**. EaD em Foco, v. 10, n.3, e1043, 2020.
- VIEIRA, K. M. *et al.* **Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida**. EaD em Foco, v. 10, n. 3, e1147, 2020.